UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

CAMPUS DE LARANJEIRAS

DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA

Rezadeiras/Rezadores dos povoados Farias e Lagoa dos Ferros (BA): Pertencimento, reconhecimento e o não processo de transmissão

Autora: Edislaine Oliveira dos Santos

Orientadora: Dra. Rose Elke Debiasi

Resumo: As práticas de cura por parte de rezadeiras e rezadores são conhecidas desde a época da colonização no Brasil. O reconhecimento por uns e o julgamento por outros é um terreno de disputas que perpassa a literatura sobre o tema. Tendo como pano de fundo a Museologia Social, o presente artigo discute as práticas de benzimento das rezadeiras e rezadores dos povoados Farias e Lagoa dos Ferros, ambos municípios de Fátima, Bahia (BA), buscando compreender as razões pelas quais as práticas de benzimento não estão se perpetuando dentro dos referidos povoados. Os métodos utilizados foram a pesquisa bibliográfica e documental e a realização de entrevistas temáticas com três depoentes. A partir da análise das entrevistas, aponta-se diferentes motivações para a não transmissão do ofício, entre elas: a não procura por parte da comunidade e a escolha pessoal em não repassar os ensinamentos.

Palavras-Chave: tradição, memória, rezadeiras, benzimento.

Abstract: Healing practices by rezadeiras and rezadores have been known since the time of colonization in Brazil. The recognition by some and judgment by others is a place of disputes that permeates the literature about the subject. With the background of Social Museology, this article discusses the blessing practices of rezadeiras and rezadores from the villages of Farias and Lagoa dos Ferros, both municipalities of Fátima, Bahia (BA), seeking to understand the reasons why blessing practices are not perpetuating within these villages. The methods used were bibliographic and documentary research and thematic interviews with three deponents. Based on the analysis of the interviews, different motivations for not transmitting the craft are pointed out, among them: the lack of demand on the part of the community and the personal choice not to pass on the teachings.

Keywords: tradition, memory, rezadeiras, blessing.

1. Introdução

Entende-se as rezadeiras/rezadores como portadores de conhecimentos religiosos e medicinais, guardiões da memória e dos saberes passados por gerações. O presente artigo “Rezadeiras/Rezadores dos povoados Farias e Lagoa dos Ferros (BA): Pertencimento, reconhecimento e o não processo de transmissão”, busca entender o quanto a história e as relações familiares das rezadeiras e rezadores dos povoados Farias e Lagoa dos Ferros, Bahia, influenciam nas práticas de benzedura e no processo de não transmissão. Esta pesquisa tem como objetivo entender as razões pelas quais tais práticas não estão se perpetuando nos povoados acima citados.

A motivação para estudar as rezadeiras/rezadores dos povoados Farias e Lagoa dos Ferros surgiu a partir de dois motivos: Minha experiência particular em ter uma avó rezadeira, bem como tentar entender os motivos da não perpetuação das práticas de benzedura nas comunidades.

O método utilizado foi a pesquisa de campo para coleta de dados a partir da realização de entrevistas temáticas. Alberti (2005) diz que a entrevista é um processo de avaliação entre o entrevistador e o entrevistado, permitindo, assim, analisar o meio econômico, religioso e social de “L”, “Z” e “J”. Para a identificação dos entrevistados/as optei por utilizar iniciais aleatórias, respeitando a privacidade e o anonimato dos/das depoentes. Foi realizado um total de seis encontros (dois com cada um/uma entrevistado/a) para a realização de entrevistas com a utilização de um roteiro semiestruturado (Apêndice I).

As visitas foram agendadas através de um contato inicial, com duração de poucos minutos, apenas para confirmação do dia e do horário que cada entrevistado/a poderia me receber. A entrevistas foram gravadas, exceto a entrevista de "J", já que solicitou a não gravação por não se sentir confortável.

Na sequência, apresento uma breve descrição dos/das depoentes e as condições para a realização das entrevistas:

“L” tem 69 anos de idade, nasceu no povoado Pedra Grande, passando a infância no povoado Vargem, ambos municípios de Simão Dias – SE. Foi morar

em Lagoa dos Ferros aos 11 anos de idade, devido a um convite feito à sua família. Começou a trabalhar desde os cinco anos, iniciando os estudos aos 11 anos, porém, não prosseguiu com eles. Seu pai era o único da família que rezava, tendo iniciado o ofício aos 19 anos. A princípio rezava apenas por brincadeira, já que algumas pessoas a procuravam. “L” reza para “olhado, inveja e dores de cabeça”. A primeira entrevista foi realizada no dia 01/03/22 pela manhã e teve duração de aproximadamente uma hora. Já no segundo momento, realizado no dia 12/04/22 pela tarde, ficamos conversando cerca de duas horas, pois ela precisava ir para roça alimentar o gado. As entrevistas foram feitas em uma pequena área aberta da casa, entre a cozinha e a sala, local dedicado às suas práticas de benzimento. Desse local eu conseguia visualizar a sua moradia. Ficamos sentadas lado a lado durante toda a entrevista. “L” é uma pessoa simples e bastante prestativa, com bastante afeição pelo trabalho.

“Z” possui 59 anos e é natural do povoado Farias, onde vive atualmente. Começou a trabalhar aos sete anos de idade. A educação formal, por sua vez, teve contato apenas aos 18 anos, conseguindo concluir o Ensino Fundamental I. Aprendeu a rezar sozinho, apesar de seu pai também rezar. Durante a entrevista disse que não tinha interesse em aprender, mas começou aos 32 anos, oito anos após a morte de seu pai, relatando ser um dom. Não sendo o único na família que realiza a prática, “Z” reza para vários tipos de doença, como: “Dor de cabeça, “são sereno[1]”, derrame de cogestão[2], “izipa[3]”, “vermelha[4]”, dor de dente, dor de barriga, cólica, “espinhela caída[5]”, para talhar[6] o sangue, olhado, olhado nas

[1] Segundo “Z”,“São Sereno” é uma doença na cabeça que deixa o indivíduo com o “corpo mole”, sendo causado pela exposição às temperaturas baixas pela manhã ou noite.
[2] AVC (Acidente Vascular Cerebral)
[3] Segundo a BVS (Biblioteca Virtual em Saúde) Erisipela é uma doença infecciosa da pele, que pode atingir a gordura do tecido celular, causado por uma bactéria que se propaga pelos vasos linfáticos.
[4] Segundo “Z”, “Vermelha” são manchas vermelhas que aparecem na pele, ele acredita ser uma alergia.
[5] Também conhecida por Lumbago, caracterizada por forte dores no peito, nas costas e pernas, além de cansaço.
[6] Estancar (fazer parar ou parar de correr).

tripas[7], “rosada[8]”, “cobero” ou “fogo selvagem[9]”. Reza, também, em animais e contra pragas nas plantações. Foi visitado no dia 03/03/22 pela manhã, a entrevista durou quatro horas, onde ficamos no alpendre de sua casa. “Z” disponibilizou uma cadeira e ficou sentado à minha frente no “balausso[10]”, sendo uma conversa tranquila, mas possuindo uma formalidade. A segunda visita foi realizada no dia 14/04/22 na parte da tarde, durou cerca de três horas. Foi uma conversa mais solta, onde caminhamos por sua propriedade, onde ele me mostrou algumas plantas medicinais que tem ao redor da casa e para qual doença cada uma delas servia.

Por fim, “J”, tem 82 anos de idade. Nasceu no povoado Lagoa da Vaca, município de Adustina-BA, e foi morar em Lagoa dos Ferros depois de casada. Não teve oportunidade de estudar, relatou que sua escola foi a “enxada”. Ela reza para dor de cabeça, feridas, olhado e “espinhela caída”. O primeiro encontro foi realizado no dia 03/03/22 e a entrevista durou cerca de três horas. Já o segundo encontro, foi realizado no dia 12/04/22 e durou cerca de duas horas. Nossas conversas foram realizadas no sofá de sua sala. Por ser uma pessoa com mais idade e com problemas na coluna, não conseguia ficar em um lugar menos confortável por mais tempo.

O artigo está dividido em três tópicos. O primeiro apresenta uma breve discussão da relação entre a Museologia Social e a cultura popular. O segundo tópico discute o papel das rezadeiras/rezadores na preservação da memória coletiva, com a divisão em três momento: no primeiro aborda a tradição e a preservação da memória coletiva; o segundo discute a construção da memória (individual) e o dom da reza a partir das falas dos entrevistados/as; e, por fim, o terceiro momento deste tópico aborda a preservação e a troca de conhecimentos. A terceira e última seção do artigo é dedicada ao estilo de vida dos

[7] Segundo “Z”, “Olhado nas tripas” é uma doença que acomete principalmente crianças recém nascidas, sendo um segundo estágio do olhado. Os sintomas são: o bebê chora constantemente e possui diarreia com cor esverdeada.

[8] Conhecida com rosácea, segundo o UOL (2018) a rosácea é uma doença inflamatória crônica de pele.

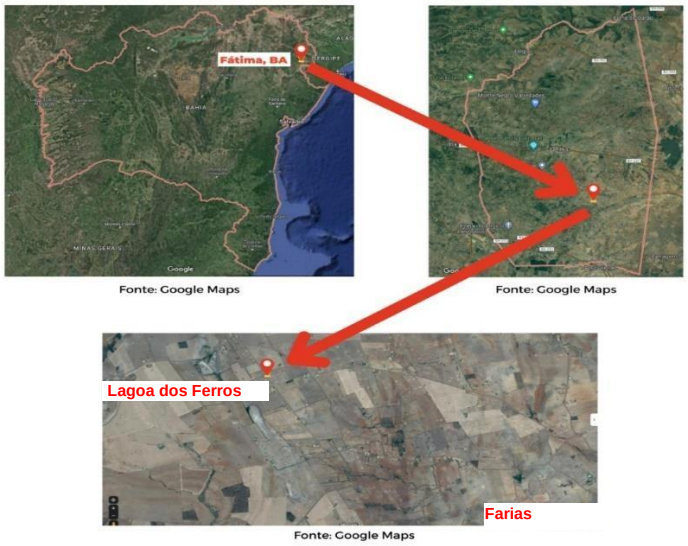
[9] Segundo o Beep Saúde (2020) “Cobreiro” ou “fogo selvagem” é uma doença de pele chamada “herpes zoster”, causada pelo vírus da catapora.

[10] Pequena parede que liga as colunas do alpendre uma a outra (balaústro). Optei por manter a forma que cada entrevistado se expressa.

entrevistados/as, apresentando suas histórias e como isso pode influenciar nas práticas de benzimento, suas relações de reconhecimento evde pertencimento diante das tradições, buscando explicar o porquê do não processo de transmissão.

Farias e Lagoa dos Ferros são povoados com aproximadamente 500 habitantes, ambos municípios de Fátima-BA, ficando a 352 km da capital do estado, Salvador. A economia destes dois povoados se baseia no plantio de feijão e milho. A energia elétrica chegou nos dois povoados em 2006, através da Associação dos Agricultores Rurais do Farias Novo[11], localizada no povoado Farias. A primeira escola foi construída em Lagoa dos Ferros no ano de 2008 e a segunda no povoado Farias em 2009. A água encanada e tratada chegou no povoado Farias em 2017 e no ano seguinte (2018) no povoado Lagoa dos Ferros. Quanto ao atendimento médico, as duas comunidades dependem unicamente do Posto de Saúde localizado no povoado Bomfim (PSF), a uma (1h) caminhando dos outros povoados. Logo abaixo, pode-se observar o mapa do estado da Bahia com o recorte da cidade de Fátima e dos povoados citados na pesquisa, os povoados não possuem demarcação territorial, não sendo possível a identificação via satélite.

[11] A Associação dos Agricultores Rurais Do Povoado Farias Novo é um programa do Governo Federal, fundado nos anos 2000. A partir desse programa, os povoados Farias e Lagoa dos Ferros foram beneficiados com as campanhas de construção de cisternas, energia elétrica, agro amigo (empréstimos para pequenos agricultores) e a associação dos tratoristas.



Feita esta apresentação inicial, parto para o diálogo entre as práticas de benzeção no Brasil e o patrimônio imaterial, representando pelas manifestações e os saberes fazeres. O pano de fundo desta discussão encontra abrigo nas referências teóricas da Museologia Social.

1. Cultura Popular e Museologia Social

As rezadeiras e rezadores são conhecidos por suas práticas no Brasil desde a colonização, características ligadas diretamente as culturas africanas e indígenas, porém foram conhecimentos que sofreram um enorme preconceito por ter interações e laços culturais distintos. Bourdieu (2005) discute a estrutura do campo religioso, onde a religião traz a força material e simbólica, legitimando uma posição na estrutura social. Nessa arena, cabe registrar que a religiosidade seguiu por dois caminhos: a religiosidade da classe dominante forja um discurso de superioridade diante da religiosidade de classe dominada, trazendo o discurso de que a religião que não possui uma estrutura está fadada a ser julgada como feitiçaria.

No final do século XIX e início do XX, Wissenbach (1997) diz que as expressões culturais e de religiosidade popular tinham maior proporção no interior do país, tradições ligadas a “mágico religião” e a “medicina mágico[12]”. A ânsia pela modernidade associara tais práticas ao primitivismo, considerando as pessoas que faziam uso delas como “inocentes”. Wissenbach (1997) sinaliza a existência de leis que criminalizavam atividades e práticas, subjugadas charlatanismos, como as religiões ligadas ao espiritismo, às de matriz africana, indígenas e de curandeiros ou qualquer outra ligada a uso de talismãs e cartas, considerados um crime a saúde pública.

Na transição do Brasil Império para a República não houve mudanças significativas para as realidades das religiões espirita, afro e indígenas. Wissenbach (1997) afirma que ainda eram perseguidas pelas leis e pela Medicina, no entanto, iniciou-se a reflexão sobre a nacionalidade brasileira surgindo o tema de misticismo e da religiosidade popular - costumes deixados à margem da sociedade.

O reconhecimento das habilidades orais das rezadeiras e rezadores surgiu a partir do interesse pela identidade do país, através das pesquisas de salvaguarda das práticas culturais, com o alargamento conceitual da categoria “patrimônio”, conforme discutiremos na sequência.

Sant’Anna (2003) diz que por muito tempo o patrimônio foi relacionado apenas a coisas palpáveis, corpóreas, grandes monumentos, essencialmente objetos de arte. Sant’Anna (2003) diz que após a Segunda Guerra (1939-1945) o campo do patrimônio sofreu uma grande expansão cronológica e tipológica, passando a ver as práticas culturais como bens patrimoniais, sem a necessidade de objetos ou grandes monumentos para validá-los, estando ligado diretamente as identidades sociais. Para Funari e Pelegrini (2008), “O patrimônio, antes restrito ao excepcional, aproximou-se, cada vez mais, das ações quotidianas, em sua imensa e riquíssima heterogeneidade” (FUNARI; PELEGRINI, 2008 p. 30).

[12] Wissenbach (1997) explica a “mágico religião” e “medicina mágico” como toda e qualquer manifestação com ações de incorporação, mediunidade e procedimentos de cura, práticas comuns no espiritismo e ritos de origem Afro-brasileiras.

Na mesma direção, Gonçalves (2003) afirma que a definição de patrimônio utilizada atualmente nem sempre foi tão bem delimitada, abrangendo contextos para além dos sociais e culturais não modernos, como categorias mágico. O conceito de patrimônio cultural ganhou força ao passar a analisar o objeto pelo seu contexto social, sendo em 1972 aprovado a Convenção do Patrimônio Mundial e Natural da United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO), onde foi reivindicado estudos de proteção para patrimônio popular cultural, sendo em 1989 aprovado a recomendação de Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular.

Funari e Pelegrini (2008) afirmam que a valorização do patrimônio imaterial vem a partir das alterações sofridas pelas concepções de conceitos de cultura e patrimônio, sendo articulada de outras formas, incluindo o convívio social e identitários das comunidades, sendo a religiosidade popular uma manifestação cultural importante para a preservação das tradições, pois, “a imaterialidade dos sentimentos religiosos associa-os, de forma muito direta, ao patrimônio cultural imaterial ou intangível” (FUNARI; PELEGRINI, 2008, p. 85).

Gonçalves (2003) diz que o patrimônio “imaterial” ou “intangível” são termos novos, porém recai menos nos aspectos materiais e sim nos ideais e valorativos da forma de vida, sendo possível, também, por meio de registros e acompanhamento, inserir lugares, comidas, objetos e festas, pois a existência de um não exclui o outro. O conceito surgiu no sentido de “registrar essas práticas e representações e acompanhá-las para verificar sua permanência e suas transformações.” (GONÇALVES, 2003, p. 28)

A religiosidade popular é um conjunto de práticas que une crenças e ritos de diferentes religiões fugindo do controle institucional que as religiões cristãs possuem, trazendo assim, a discussão de Bourdieu (2005) sobre as estruturas das religiões. Nesse sentido, “Z” e “L” não possuem uma ligação direta com a estrutura das religiões, sendo autônomos em suas crenças e práticas. Existe uma grande diversidade religiosa no Brasil, possuindo celebrações que apresentam características de diversas religiões. Funari e Pelegrini (2008) afirmam que não são raros os exemplos de sincretismo religioso nas práticas de religiosidade

popular, responsáveis pela construção da identidade, preservação e manutenção das crenças populares.

Assunção, Chagas, Storino e Primo (2018) afirmam que a partir dos anos de 1960 e 1970 as tradições estabelecidas pelas instituições e as religiões oficiais passaram a ser duramente criticadas pelos movimentos sociais e intelectuais da época. Essas críticas foram essenciais para romper com alguns dogmas, trazendo novas possibilidades para pensar as práticas de museu e da Museologia.

Baseada nos princípios da Nova Museologia, a Declaração de Quebéc (1984) vem mostrar de forma mais abrangente a questão territorial e a relação das comunidades com os seus locais de vivência, como guardiões e representantes de um modo de vida.

Já a Declaração de Caracas de 1992 defende uma Museologia com um olhar social, abrangendo o território e o patrimônio cultural, redefinindo o objeto museológico a partir de novas tipologias de museus e trazendo a inserção do patrimônio cultural produzido dentro das comunidades. Objetivava, assim, contribuir na manutenção do equilíbrio social, trazendo uma visão democrática para os museus, priorizando as comunidades e as crenças populares.

Moutinho (1993) diz que aconteceu um processo de alargamento e redefinição do objeto museológico, juntamente com a ideia de participação da comunidade nas práticas museológicas, apresentando-se de forma democrática e priorizando o desenvolvimento cultural e o comprometimento com a preservação do patrimônio e a manutenção das manifestações imateriais.

Desdobramento do movimento da Nova Museologia, a Museologia Social defende que a valorização e a preservação do patrimônio cultural também é a essência da Museologia – comprometida com o desenvolvimento socioeconômico das comunidades, com as reparações históricas por meio de novas narrativas museológicas, com o direito à memória e o exercício da cidadania. A Museologia Social fornece suporte teórico e prático para a preservação da memória ao passo que incentiva a participação das comunidades na preservação de suas tradições, através da partilha de suas crenças e práticas.

Gonçalves (2003) defende que dentro da tipologia do patrimônio intangível, no contexto religioso existe uma relação de troca com a divindade, sendo possível inserir a culinária, objetos, rituais, mitos, espírito e matéria. As rezadeiras/rezadores estão ligadas diretamente à religiosidade, trazendo essa dinâmica de troca mencionada por Gonçalves (2003). Esse é um papel de destaque na preservação da memória, pois, através dessa relação de “cuidado” para com a comunidade, cria-se laços/lembranças, levando a pensar em conjunto com Halbwachs (1990) ao dizer que sem um meio não possuímos memória.

2. Rezadeiras/Rezadores e o seu papel na preservação da memória coletiva

Halbwachs (1990) diz que preservar a memória é fundamental para a construção de identidade, evidenciando que a construção da memória coletiva depende do indivíduo e de suas práticas sociais, tanto familiares quanto com pessoas de ciclos sociais diferentes, pois, a memória coletiva está ligada a vivência e a experiência de cada indivíduo diante do contexto que está inserido. Pautando-se na fala de Halbwachs (1990), identifico as rezadeiras como um elemento importante para a preservação direta e indireta da memória coletiva dentro de suas comunidades.

Silva (2009) diz que a crença, principalmente aquelas ligadas à cultura popular, possuem maior participação na preservação da memória coletiva por estarem vinculadas às comunidades com tradições perpassadas através da oralidade.

Cada indivíduo possui sua história, mas não seria possível ter uma história sem a memória. A memória pode ser definida como um conjunto de lembranças construídas através das experiências, sendo que para construir uma experiência o indivíduo depende de algo ou alguém. Assim, nota-se que a memória surge a partir de uma construção de vivências. Ricouer na conferência “Memória, história, esquecimento”, ministrada em 2003, diz que a memória carrega consigo o privilégio do reconhecimento.

Halbwachs (1990) leva a reflexão de que sem um meio não possuímos memória, sendo a lembrança um conjunto de pensamentos que se apoiam uns nos outros, porém essa massa de lembranças não será a mesma e não surgirá com a mesma intensidade em cada indivíduo. Essa consideração pode contribuir para refletir sobre o sentimento de pertencimento que cada rezador/a constrói diante das práticas de benzimento, ao passo que também possibilita pensar sobre o conhecimento das rezadeiras/rezadores e as experiências trazidas pelas tradições familiares e construídas com a comunidade e os fatores que influenciam na perpetuação desses costumes e crenças.

Como dito por Silva (2009), as crenças têm um papel importante na preservação da memória coletiva. A maioria das rezadeiras/rezadores estão ligados ao catolicismo popular e ao sincretismo religioso, tendo um papel significativo para a cultura popular na preservação da memória coletiva da comunidade a qual pertence, sendo considerados mestres dos saberes tradicionais de fé. Pode-se afirmar que o desejo de perpetuação de suas práticas não está na garantia de preservação do patrimônio cultural e sim no sentimento de pertencimento e, que, através da oralidade encontra uma forma de resistência e perpetuação de suas práticas.

> Há a necessidade de se preservar a memória. Essa é fundamental para a consciência da identidade de um determinado grupo, esta se constitui através da vivência, do dia-a-dia, ou seja, através do cotidiano das pessoas, que vivem em sociedade, pois o cotidiano só é possível no convívio social e a memória, ainda que conteúdo dos indivíduos, necessita ser coletiva, para a garantia de sua preservação. (SILVA, 2009, s/n)

Trindade (2013) diz que a vida cotidiana também faz história e a partir dela se cria as relações sociais, gerando experiências e particularidades, criando memórias através da interação do homem com o meio social, contribuindo também para a construção de identidade com o grupo ao qual está inserido. Levando em consideração que o local em que a comunidade está inserida diz muito sobre a construção da identidade daquele grupo, Martins (2015) enfatiza que o território ao qual a comunidade está inserida diz muito sobre suas tradições, pois está atrelado ao contexto oferecendo testemunho à sua ação.

As rezadeiras e rezadores cumprem esse papel social na preservação da memória, na construção de identidade por meio da interação social, pois através da oralidade constroem e refazem memórias, garantindo a permanência e a crença nas suas práticas.

2.1 Tradição e preservação da memória coletiva

A tradição trata-se de um conhecimento repassado de geração para geração. Esse conhecimento é transmitido através da oralidade, na maioria das vezes pela pessoa considerada a mais sábia da comunidade. Santos (2007) diz que a responsabilidade de repassar os ensinamentos aos mais jovens, cabe ao líder, de forma acessível e didática, para garantir a perpetuação do conhecimento. A tradição, segundo Moutinho (2015), está ligada diretamente ao território a qual a comunidade está inserida, pois, naquele local foi construído os costumes, as relações sociais e as memórias afetivas que foram se perpetuando durante as décadas.

O reconhecimento de suas práticas é um processo construído e está ligado ao espaço ao qual o indivíduo está inserido, porém, a transmissão não. A necessidade econômica, todavia, transcende o desejo de permanecer em suas origens. A família de “L”, por exemplo, encontrou uma oportunidade de melhoria no povoado Lagoa do Ferros/Fátima, localizado a uma hora e meia de carro do seu povoado Pedra Grande/Simão Dias. Assim, “L” ainda era criança quando houve o processo de transição, porém o seu pai que já era rezador e possuía uma identidade construída, levou as suas práticas para o seu novo lar. No futuro “L” deu continuidade a seu ofício construindo para si uma nova identidade, mas não esquecendo o seu local de nascimento.

A oralidade é uma das práticas mais importantes na preservação das tradições, transmitindo seus conhecimentos através da fala. Sem a tradição oral vinda do pai, “L” não conheceria as práticas de benzimento e, no futuro, talvez, não construísse a relação de pertencimento com a reza. Isso me leva a entender a tradição oral "como grande responsável por imortalizar ensinamentos milenares, garantindo sua propagação para a posterioridade.” (CONCEIÇÃO, 2011, p. 57).

As rezadeiras e rezadores assumem uma finalidade social diante da comunidade, através de uma crença que transcende a sua vida atuando como portadores do conhecimento, para que suas tradições de cura não sejam esquecidas. As rezadeiras e os rezadores têm consciência da perpetuação de suas tradições. “Z”, por exemplo, afirma que suas práticas de benzimento resultam de uma tradição que está em sua família.

> Pois é, isso tudo aí vinha de tradição, quando a família é de sanfoneiro toca a família toda né, bem assim é esse negócio da reza, dizer que alguém me ensinou, não, ninguém me ensinou. (Z. Entrevista concedida à Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 03 mar. 2022)

Ele acredita que não precisa ensinar e que por ser uma tradição familiar, o dom da reza surge em algum momento, como aconteceu com ele, algo adormecido que em algum momento despertará. Nogueira, Versonito e Tristão (2012) dizem que a partir do momento da descoberta do dom da reza, não se pode ignorar a sua existência, se tornando como uma missão que deve ser cumprida.

2.2 Construção da memória (individual) e o dom da reza

O processo de construção da memória individual como coletiva se assemelham, pois necessitam de experiência compartilhada, observadas ou ouvidas. Halbwachs (1990) diz que a memória é seletiva como também abstrata, podendo se enriquecer de bens alheios. Ricouer (2003) se assemelha a fala de Halbwachs (1990) ao dizer que a memória tem um caráter seletivo, porém os acontecimentos não são memorizados da mesma forma acontecendo em períodos diferentes, ou seja, selecionando e efetivando apenas momentos, necessitando assim de uma maior interpretação.

Melo (2021) diz que na seletividade da memória existe um processo de negociação que busca conciliar a memória coletiva e as individuais. Halbwachs (1990) também afirma que:

> Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que

> a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum. (HALBWACHS, 1990, p. 34)

É necessário que tenhamos resquícios de uma lembrança alheia, para que a partir de algum estímulo haja a apropriação da memória, sendo que a memória individual e a coletiva carregam pontos em comum. No entanto, Halbwachs (1990) chama a atenção para o fato de que o processo de apropriação só ocorre com indivíduos da mesma comunidade.

A tradição se apropria das práticas da oralidade para se manter viva dentro das comunidades. Esse processo considera as relações de pertencimento e de reconhecimento dentro das comunidades e dos grupos sociais para forjar as memórias. Ou nas palavras de Silva, esse processo: “faz o grupo estar sempre reconstruindo lembranças e, consequentemente, reafirmando a sua identidade.” (SILVA, 2009, s/n) fazendo com que as memórias se apoiam umas nas outras, buscando a sobrevivência da memória coletiva. As rezadeiras e rezadores usam da oralidade para a transmissão das práticas e dos costumes para os seus “sucessores”.

As rezadeiras e os rezadores entendem as práticas de benzedura como um dom divino. “Z” diz: *“faço aquela oração através de Deus”* (Z. Entrevista concedida à Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 03 mar. 2022); *“Deus é quem nos ensina”* (J. Entrevista concedida à Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 03 mar. 2022) promovendo a cura, através da reza, algo que lhes foi confiado para ajudar o próximo (seja pertencente ou não de sua comunidade), na cura de alguma doença através da reza ou apenas para ajudar com o seu conhecimento em relação às ervas medicinais.

Nos estudos em que me baseei, Batista (2020), Conceição (2011), Jesus (2012), Melo (2021), Nascimento (2010), Oliveira (2014) Rosa (2013), Santos (2007), Santos (2018), Silva (2021), Silva (2009), Trindade (2013) para desenvolvimento deste trabalho, as rezadeiras e os rezadores apresentados diziam que o dom da cura vinha de um ser superior, na maioria das vezes Deus, mas que suas práticas de benzedura foram ensinadas por uma parente próximo, pais ou a avó, processo que não ocorre com as rezadeiras e rezador aqui estudados.

Trindade (2013) diz que o ato de benzer é um chamado, formado de uma ligação direta entre o rezador e o sagrado, mas para que isso aconteça é necessária uma aceitação social. “Se uma determinada sociedade confia em seu xamã e em seus ritos, sua eficácia estará assegurada.” (NOGUEIRA; VERSONITO; TRISTÃO, 2012, p. 177). Ou seja, Nogueira, Versonito e Tristão (2012) defendem que a eficácia da cura só é válida a partir do momento que a benzeção feita pelos rezadores se torna uma referência dentro da comunidade. A aceitação social que Trindade (2013) relata ocorre através do conforto espiritual que a comunidade recebe das rezadeiras e rezadores, pautados na fé de reza e na crença de quem é benzido.

No caso dos entrevistados, eles alegam ser um dom de Deus, mas afirmam que aprenderam a rezar sozinhos, o que me leva a pensar em diálogo com a teoria de Halbwachs (1990) sobre a apropriação de memórias. Quando questionei aos três entrevistados com quem aprenderam a rezar, as respostas foram as seguintes:

“L”

> Eu via pai rezando e eu fui aprendendo, né. Depois fui me lembrando, me lembrando por causa das rezas de pai. Que pai rezava assim, de olhado né, de olhado né as coisas assim. Aí agora eu fui me lembrando, me lembrando depois de uns 18 anos pra 19 por aí assim. Eu fui me lembrando né, daquele, daquelas rezas que pai me ensinava, mas eu aprendi mesmo pela minha cabeça. (L. Entrevista concedida a Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 01 mar. 2022)

“Z”

> Foi, meu pai era quem rezava, ele morreu eu fiquei, mas nunca que eu me interessava nisso, nunca me interessei pra aprender essas coisas, mas é um dom que tem na nossa família. Tem até um padre na nossa família, um sobrinho é padre na família de minha mãe. Eu aprendi assim. Dom, tudo é dom. (Z. Entrevista concedida à Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 03 mar. 2022)

“J”

> Com Deus, Deus é quem nos ensina. (J. Entrevista concedida à Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 03 mar. 2022)

Não há uma semelhança nas respostas entre os entrevistados quando questionados com quem aprenderam a rezar, apesar de no decorrer da conversa alegarem ser um dom divino. “L” diz que observava seu pai rezando e que foi lembrando no decorrer dos anos e começou a rezar. “J” diz que aprendeu com Deus, não citou nenhum familiar que rezava em sua juventude e “Z” disse que seu pai rezava. Dois dos entrevistados tiveram a presença de um rezador ao longo de sua vida, apesar de que nenhum dos pais de ensinou diretamente o ofício aos seus filhos, “Z’ e “L”.

“L” diz que aprendeu observando o seu pai, apesar de que em outros momentos diz que aprendeu sozinha. Interpreto a sua fala como o fato de seu pai não a ensinar diretamente, ela crê que não tenha recebido influência dele. Já “Z” no primeiro momento, afirma que ela não se interessava, mas ao longo da conversa eu questiono com que idade aprendeu a rezar.

“Z” diz:

> Meu pai morreu em 86, vamos colocar de 94 pra cá, que eu fui desenvolvendo. Ele rezava aí e ele nunca ensinou, mesmo que pedisse a ele pra ensinar ele nunca ensinou. Ele dizia que não ensinava, porque não tinha responsabilidade pra ensinar as coisas e aí ele morreu e eu fiquei no lugar. (Z. Entrevista concedida à Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 03 mar. 2022)

É possível que em partes, principalmente “Z” e “J”, tenha ocorrido uma “confusão”, pois no processo de construção da memória “ao ouvir mesmo que sem a intenção de aprender” o que estava sendo dito por seu familiar no ato da reza, os rezadores tenham se apropriado desses momentos, o que no futuro os levou a crer que aprenderam sozinhos, pois demoraram alguns anos para praticar a benzeção.

2.3 Preservação e troca de conhecimentos

O comprometimento com a preservação do patrimônio cultural ocorreu conjuntamente com o processo de criação de leis de salvaguarda e proteção ao patrimônio. A Constituição Federal de 1988, no artigo 215, diz que assegurará e apoiará as práticas culturais, lei que resguarda a preservação do patrimônio cultural no país.

Schmidt e Mahfoud (1993) afirmam que o reconhecimento, a reconstrução e principalmente a preservação dos bens culturais, tanto materiais quanto imateriais, dependem da existência de um grupo de referência, onde as lembranças retomam as relações sociais que são construídas com o grupo ou compartilhadas nele. As rezadeiras e rezadores cumprem esse papel fundamental na preservação das tradições, pois são tidos como os portadores dos saberes tradicionais de fé, conhecedores das rezas e da medicina popular, e responsáveis pelas trocas de conhecimento dentro de suas comunidades, pois elas fizeram e fazem parte de inúmeras experiências (individual e coletiva), seja no ato de reza ou no auxílio para tratar de alguma enfermidade.

Silva (2021) nos diz que a precarização da saúde pública principalmente no Nordeste destaca o papel das rezadeiras e rezadores dentro dos povoados pelo seu conhecimento com a biomedicina[13]. Esses(as) detentores que carregam as tradições populares utilizam dos recursos naturais para o processo de auxílio na cura e disseminação da sua tradição.

A troca de conhecimento entre as rezadeiras e rezadores acontece no momento em que a comunidade vai até sua casa à procura de uma benzeção ou apenas na busca de alguma erva ou receita natural, criando uma ligação entre as rezadeiras(es) com a comunidade através da partilha dos saberes. Uma troca simples cheia de intenções, pois ao buscar, esse movimento de troca está construindo uma relação de confiança e de reconhecimento. Os rezadores dos povoados Lagoa dos Ferros e Farias não utilizam da manipulação de ervas medicinais, mas compartilham de seus conhecimentos com quem os procura. Questionei se eles apenas rezavam ou se também faziam indicações ou manipulavam as plantas para chás ou banho. As respostas foram:

“L”

> Às vezes faço, né! às vezes eu digo pra fazer chá de arruda, às vezes de hortelã miúdo, às vezes da bassorinha mesmo, arrancando o pé pode fazer o chá e tomar, que melhora e tem

[13] Para entender sobre o que Silva (2021) fala sobre a relação das rezadeiras com a biomedicina. SILVA, A. F. (2021). O papel das rezadeiras como protagonistas de práticas simbólicas culturais. **Revista Espaço Acadêmico**, 21, 31-43.

> também a planta de ... (ESQUECEU O NOME) (L. Entrevista concedida a Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 01 mar. 2022)

"Z"

> Quando eu vou no mato eu já vejo o que serve para remédio aí quando o povo me procura já vou eu sou oferecido … ela me perguntou um remédio (não informou a enfermidade) se eu sabia, fui buscar na hora um "chapéu de couro", eu já tomei banho e fui buscar pra ela, eu digo a planta que serve pra remédio, agora o que eu não tenho eu não vou dizer que sei. Eu vou buscar uma "quina quina" lá na beira pra da pro cara passar na perna (Z. Entrevista concedida a Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 03 mar. 2022)

"Z" citou algumas plantas e para que servem:

> Abre caminho pra banhar, quebra facão é bom pra quebrar feitiço. (Z. Entrevista concedida a Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 03 mar. 2022)

"J"

> Não faço indicação de chá, mas se alguém vim buscar alguma planta, dô e ensino a usar. Qualquer coisa que sei que serve, eu ensino. (J. Entrevista concedida a Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 03 mar. 2022)

Percebe-se que tanto "L" quanto "Z" falam abertamente que fazem indicações de plantas e ensinam a forma de usá-las, mas nenhum deles deixou explícito a não manipulação de ervas. Já "J" afirma não fazer manipulação, também não indica, porém se alguém vier em sua casa buscar alguma planta, disponibiliza e ensina a usar. Consegue-se notar a relação de cada um na partilha de seu conhecimento com a comunidade, pois "J" e "L" esperam que alguém as procurem, já "Z" se denomina "oferecido", sai à procura das ervas, ensina como utilizá-las e as oferece. Ao serem questionados para que tipo de doenças rezam e se existia alguma planta específica.

"L" diz:

> Eu só rezo mesmo, é comparação. Eu rezo pra olhado, porque olhado é o mesmo que olho grosso, né que, moleque fica com olhão no que você tem, nisto aquilo outro né. Eu só rezo pra olhado, pra olho grosso, pra inveja, essas coisas... É mais Bassorinha, todas as plantas verdes, foi verde, é bom, mas a própria e Bassorinha de Nossa Senhora (L. Entrevista concedida a Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 01 mar. 2022)

“Z”

> Dor de cabeça, ramo de congestão que o povo diz que é derrame, antigamente curava era com remédio de mato, com reza e dor, a izipela, a vermelha que chama rozada, fogo selvagem, cobera, dor de dente é outra, dor de barriga, cólica, espinhela caída, para talhar o sangue, olhado, olhado nas tripas[14]... Abre caminho, arruda, qualquer folha verde que Deus deixou serve. Pra olhado é melhor arruda (Z. Entrevista concedida a Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 03 mar. 2022)

“J”

> Rezo de dor de cabeça; reza numa perna (Feridas); olhado; Espinhela Caída; e outras que não lembro... Qualquer foia, que seja verde. Sendo reza e três gaio eu rezo. (J. Entrevista concedida a Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 03 mar. 2022)

É notável a semelhança existente entre as doenças citadas. Ao relacionar a pesquisa com as referências aqui debatidas, nota-se semelhanças entre os nomes das doenças, mesmo sendo realidades e localidades diferentes. O livro “As benzedeiras de Parintins: Práticas, Rezas e Simpatias”, de Deilson Trindade (2013), é o que mais se assemelha, trazendo a realidade das benzedeiras município de Parintins, uma região amazônica. Nascimento (2010) apresenta essa mesma semelhança entre os nomes das rezas, porém trabalha as variações linguísticas e sua semelhança com as rezas portuguesas e suas adaptações para o contexto brasileiro.

A semelhança nos nomes das rezas são frequentes no referencial teórico, porém a forma pela qual os rezadores e as rezadeiras colocam em prática o seu ofício são diferentes, bem como as estratégias do sigilo, conforme apontado por Melo (2021).

Questionei se existia um local específico para exercer o ofício. Segue a resposta de “L”:

> Rapaz o local melhor é na frente, que vai na frente do sol. Tem que ser na frente do sol, que é pro sol rebater né. Se bem cedo pode rezar virado pra

[14] Trindade (2013) ou Nascimento (2010) para saber mais sobre as rezas. NASCIMENTO, Danielle Gomes do. **Tradições Discursivas Orais: mudanças e permanências nas rezas de cura e benzeduras populares da região de Itabaiana.** 2010. 157 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e ensino) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010. TRINDADE, Deilson do Carmo. **As Rezadeiras de Parintins Práticas, Rezas e Simpatias**. Manaus: Edua, 2013. 196 p.

onde o sol nasce, nascente né? E se for de tarde pode rezar pro poente. Nascente e poente. (L. Entrevista concedida a Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 01 mar. 2022) Perguntei, ainda, se existia algum significado para tal ato:

"L" diz:

> E melhor porque dá mais força pra pessoa continuar aquela reza e pra ela ser válida. (L. Entrevista concedida a Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 01 mar. 2022)

"Z"

> Rapaz, não tem isso não. O lugar que chegar, São sereno que tem que rezar com um paninho branco e a água em um frasquinho branco, mas essas outras pode até rezar no meio da rua, Deus tá em todo lugar. Eu recebo aqui, mas quando tem um velhinho eu vou, mas eu recebo aqui, já deixo avisado. (Z. Entrevista concedida a Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 03 mar. 2022)

"J"

> Não, reza em qualquer canto. Tendo um lugar pra sentar. A palavra de Deus em qualquer canto serve. (J. Entrevista concedida a Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 03 mar. 2022) "Z" e "J" dizem que não há local especifico para rezar, pois Deus está em todo lugar, porém, percebe-se uma característica especifica na fala de "L", pois,

segundo ela, a reza tem que ser feita de frente para o sol (nascente e poente), ponto não identificado na fala de outros rezadores. O que leva a supor, que seja algo relacionado às práticas trazidas por seu pai de seu povoado original ou sua possível descendência indígena. Em momentos de conversa fora das gravações, "L" relata que seu pai era "índio", sendo apreendido ainda criança "roubando" mamão no quintal da casa seu avô.

Ao analisar a característica herdada, por uma possível descendência indígena de "L", em diálogo com as práticas realizadas pelas rezadeiras de Parintins, que possuem influência direta com os costumes indígenas, mencionados por Trindade (2013), não consegui encontrar semelhança ao que "L" define em sua fala. Pode-se, assim, supor que essa seja uma característica única de "L", construída e/ou forjada diante de sua realidade.

Cada rezador/a possui uma característica particular no ato de benzer, seja pelos diferentes tipos de enfermidade ou devido aos costumes distintos:

> Embora apresentem inúmeras semelhanças, cada agente da benzeção apresenta uma maneira peculiar de lidar com a benção. A singularidade de cada benzedeira representa uma adaptação singular, mesmo que tenha recebido o dom de uma maneira, tende a se moldar em busca do ápice de sua realização ao benzer. (NOGUEIRA; VERSOTINO; TRISTÃO, 2012, p. 175)

Nogueira, Versotino e Tristão (2012) afirmam que cada benzedeira possui diferentes maneiras de benzer, mesmo que se trate do mesmo tipo de enfermidade. Essa afirmação me leva ao questionamento da fala de Moutinho (2015) sobre a influência territorial e como ela se manifesta também nas práticas de benzimento.

3. Meus estudos/minha profissão foi a roça: Estilo de vida e construção de suas práticas

As crenças são difíceis de serem compreendidas, pois contém uma individualidade. Bourdieu (2005) diz que as religiões têm um sistema simbólico, e qualquer outra crença que fuja desse sistema está fadada a ser julgada de feitiçaria, designada a uma religião primitiva, profana e profanadora. Nota-se que tal posição está ligada à distribuição social, sendo as práticas das rezadeiras e rezadores ligados às sensações, quebrando as barreiras econômicas e simbólicas. As práticas de benzeduras surgiram em torno da crença, mas principalmente das necessidades em saúde, encontrando na fé e nos recursos naturais uma vida menos sofrida.

"L" tem 69 anos de idade. Nasceu no povoado Pedra Grande, passando a infância no povoado Vagem, ambos municípios de Simão Dias - SE. Sua mãe teve 18 filhos, sobrevivendo apenas oito, dentre esses, apenas dois do sexo feminino. Aos onze anos de idade seus pais foram convidados para trabalhar nas terras de João Pedro dos Santos[15], no povoado Lagoa dos Ferros, onde foi cedida uma casa e um pequeno terreno para sua família cuidar. Nessa mudança foram apenas sete filhos, pois sua irmã mais velha casou. "L" começou a trabalhar desde os cinco anos, dando início aos estudos aos onze anos, não conseguindo dar continuidade. Morando no povoado Lagoa dos Ferros, sua adolescência foi apenas trabalho para ajudar em casa, seus irmãos foram casando e saindo, ela ficou ajudando com o trabalho. Relatou em conversa fora

[15] Proprietário de terras da região.

da entrevista que o dinheiro que conseguia com o trabalho, metade entregava aos seus pais e a outra metade guardava, sempre foi uma pessoa afeiçoada ao trabalho. Casou-se aos 19 anos, engravidou cinco vezes, nascendo dois e sobrevivendo apenas um. Mesmo depois de casada, a frequência em que vinham procurá-la continuou.

> Profissão? É roça … Ave Maria, minha infância era correr atrás de umas cabras, umas cabras que a gente criava no mato e andar que nem índio, pé descalço e a bagunça toda, minha infância era essa lá, quando era mais nova, né … não, não estudei não. Eu vim estudar, depois que fiquei com 11 anos, que eu vim estudar, mas não aprendi nada, porque, aprendi foi enxada … Desde os 5 anos, pai ensinava a nós a enxadinha, botava umas enxadinhas pequenininhas, ensinava, ói, você arranque arranque esse, vais trabalhando aqui ói, nós pulava por cima dos pés de mato, cobria o mato, cobria com a enxada o mato, cobria com a terra o mato e aí agora pai quando ia reparar, “vocês tão limpando ou estão fuçando? (L. Entrevista concedida a Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 01 mar. 2022)

“Z” tem 59 anos de idade. Natural do povoado Farias, onde vive atualmente. Começou a trabalhar desde aos sete anos de idade, mas os estudos começaram apenas aos 18 anos, conseguindo concluir o Ensino Fundamental I. Ao ouvir seu relato, nota-se ser uma pessoa detalhista. Tem sete irmãos, sendo o terceiro filho da segunda família. Aprendeu a rezar sozinho, apesar de seu pai também rezar, disse que não tinha interesse em aprender, mas aprendeu a rezar aos 32 anos, oito anos após a morte de seu pai, relatando ser um dom. Não é o único na família que reza já que seu irmão mais novo também reza, porém, não tem a mesma procura.

> Minha profissão é a roça e tenho o dom de benzer nas pessoas, mas esse benzimento eu só faço belo bem, pelo amor. Não é atrás de dinheiro. O povo vem me adorar, gosta de mim. A gente não teve infância. A minha infância foi a mais dura que teve, eu não tive infância. Comecei a trabalhar com 7 anos de idade. Não sabia o que era uma feira, não sabia o que era uma festa. Trabalhei dos 7 anos até agora. Infância é essa de hoje e naquele tempo era na palmatória. Se fazia alguma coisa errada, tomava era palmatória, se o pai dava uma conta na roça, se nego não tirasse e chegasse de noite. Nois pagava a Raimunda que era nossa irmã mais velha pra tirar nossa conta. Estudei, depois dos 18 anos pra frente. Não cheguei a quinta série não, mas tenho, só não sou aquele de ..., mas sei fazer contas, agora eu não sou afobado conta de terra sei fazer, leio qualquer coisa. Agora escrever eu sou mais coisado, porque eu quero fazer certinho, se

> começar e errar uma letra eu rasgo aquela folha pra fazer novamente. Cheguei a quinta série ainda, tinha uma professora que gostou de mim, sempre fui obediente, aí ela deixou e estudei até os 20 anos. (Z. Entrevista concedida a Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 03 mar. 2022)

"J" tem 82 anos de idade. Nasceu no povoado Lagoa da Vaca, município de Adustina-BA e tem 15 irmãos contando com os falecidos. Trabalha desde criança e não teve oportunidade de estudar, relatou que sua escola foi a "enxada" e sua adolescência foi de muito trabalho. Passou a morar no povoado Lagoa dos Ferros depois de casada. É católica e sempre que tem a oportunidade frequenta a missa. As pessoas ainda a procuram para rezar. Nas palavras dela, "de vez em quando chega um pra rezar".

> Com Deus, Deus é quem nos ensina. Eu nunca fui pra escola, graças a Deus. No tempo de ir pra escola a mãe adoeceu. Nesse tempo tinha uma escola na casa de Zezé Abreu, mas nunca fui. A escola que aprendemos foi Cabo da enxada arrancar feijão, quebrar milho, apanhar fava, foi essa nossa escola. O que vivi foi isso. Tirar lama de Tanque. Nossa vida foi essa, dos mais velhos pra trais. (J. Entrevista concedida a Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 03 mar. 2022)

A educação básica era uma realidade distante quando se é necessário trabalhar desde a infância. "L" ao descrever a sua infância no povoado Pedra Grande, não cita a escola, diz que apenas cuidava dos animais "no meio do mato", pois não tinham terra para cultivar plantações para os animais, alimentando-os da forma que conseguiam. Quando relata sobre a mudança de povoado, é possível notar uma melhora nas condições de vida, passando a frequentar a escola, mas não dando continuidade. A alegação dela é: "não aprendia nada". Apesar de supor vários motivos para esse motivo, não cabe aprofundar a discussão nesta pesquisa. Já "Z" não teve a oportunidade de estudar, conseguindo apenas ao atingir a maioridade; e, "J" relata que quando chegou o momento de entrar na escola, sua mãe adoeceu e acabou adquirindo outras responsabilidades e "passou o tempo" de estudar. Realidade comum nas comunidades menos favorecidas onde a educação fica em segundo plano, pois a prioridade é a sobrevivência.

Segundo a "Síntese de Indicadores Sociais" do IBGE, os rendimentos básicos das regiões Nordeste são historicamente inferiores aos da região Sul e

Sudeste[16]. Contudo o Nordeste ainda é uma região vulnerável diante das demais regiões, continuando carente de infraestrutura, como saúde básica, “a restrição de acesso aos serviços de saúde se mostrou mais concentrada no Norte (28,3% da população) e Nordeste (35,5%), devendo considerar a diversidade de situações dentro das regiões.” (IBGE, 2021, p. 128). Sobre isso, Silva (2021) diz que os suportes de saúde não são distribuídos homogeneamente, ficando concentrado nas regiões Sul e Sudeste.

Bourdieu (2013) defende que o estilo de vida é o que define as manifestações simbólicas, pautando-se no conceito de *habitus* e *campo* (nesse caso levando a ramificação de poder e classe social). A ideia de *campo* se constitui no espaço das relações de poder, onde o *habitus* vem se caracterizando pela condição do indivíduo que por meio da comparação e organização estrutural gera as suas práticas[17].

Retomando a discussão de Silva (2021), com a desigualdade na distribuição dos suportes de saúde pública, a comunidade por falta de suporte criou uma organização individual, criando conexões em torno das rezadeiras e rezadores em busca de melhores condições, nascendo assim uma relação de pertencimento e a construção de identidade em torno dessas práticas.

Bourdieu (2013) afirma que três características: honra, prestígio e reconhecimento formam a base do capital simbólico, servindo de valor para alguém em uma cultura, ou seja, as práticas da benzedura estão atreladas às necessidades de um contexto religioso, social e econômico.

A precarização da saúde pública, principalmente nas pequenas comunidades, contribui para que as práticas de benzedura adquiram um papel

[16] Em 2019, houve uma redução do índice de extrema pobreza no Brasil, com grandes diferenças em níveis regionais, alavancando o nível de redução do Norte e Nordeste. Na comparação com 2012 (início da série), a incidência de extrema pobreza em 2020 ficou estável (com redução nas Regiões Norte e Nordeste e aumento nas demais Regiões) e em relação ao ano de 2014 (ano com o menor nível do indicador) houve aumento significativo de 1,0 ponto percentual na extrema pobreza para Brasil (com estabilidade do indicador nas Regiões Norte e Nordeste e aumento nas demais regiões).

[17] Para entender a ação e reação de *habitus* e *campo* segundo Bourdieu (2013). BOURDIEU, Pierre. Capital simbólico e classes sociais. Novos Estudos, [s. l], p. 104- 115, jul. 2013. Tradução: Fernando Pinheiro.

de destaque. No entanto, não é a principal justificativa, pois é preciso ter a confiança da comunidade nas rezadeiras e nos rezadores. Como o meio territorial ao qual a comunidade está inserida, podendo influenciar nas suas tradições, levando a refletir sobre os antepassados das rezadeiras e rezadores.

3.1 A relação das Rezadeiras/Rezadores e o dom da reza: Tradição e pertencimento

A grande maioria das rezadeiras e rezadores são católicos. Nascimento (2015) diz que o Censo de 1940 estimava que 95,01% era católica apostólica romana e os 4% dividiam-se entre protestantes, espíritas e outros que se declararam de outra religião, sem religião ou sem declaração. No ano de 1970, o catolicismo ainda ocupava local de destaque com 91,77%[18]. Percebe-se, portanto, que o catolicismo predominava e que não figuram os dados sobre as religiões de matriz africana. Não me debruçarei sobre a questão, mas a reflexão sobre a intolerância religiosa e o racismo é válida. Nascimento (2015) diz que o negro desenvolveu estratégias que:

> Ajudaram a montar arranjos de crenças, capazes de manter o equilíbrio espiritual dos indivíduos e deixar vivas as tradições religiosas que sobreviveram mesmo frente às constantes tentativas de marginalização e negação das práticas afroancestrais, reinventadas nas Américas. (NASCIMENTO, 2015, p.
> 1),

A igreja católica não conseguia abarcar a população menos abastada e o sincretismo religioso já era muito presente nas populações menos assistidas, fazendo com que a população buscasse práticas em cada cultura que suprissem as suas necessidades. Nas entrevistas realizadas, nota-se casos diferentes em relação à religião, ao serem questionados sobre sua religiosidade, eles disseram:

[18] Para mais dados sobre as manifestações de fé no Brasil entre as décadas de 1940 a 1970, ver: NASCIMENTO, Manuela Santana. **Os impasses com o catolicismo negro vivido por rezadores em Santo Antônio de Jesus-BA** (1940-1970. In: XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28. 2015, Florianópolis. Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios. Florianópolis - SC: Anpuh, 2015. p. 1-18

“L”

> Acredito em Deus e nos meus santos. Porque o povo diz, a é crente, não sei o que. (L. Entrevista concedida a Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 01 mar. 2022)

“Z”

> Sou católico, mas minha religião é pra mim mesmo. Não vou pra missa, eu faço minha religião. Deus está em qualquer lugar eu respeitando. De que adianta ir e não seguir o que foi dito na palavra, isso é sério. Ir não atrás de dinheiro. (Z. Entrevista concedida a Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 03 mar. 2022) “J”

> Católica! Quando eu posso, eu vou pa igreja. (J. Entrevista concedida a Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 03 mar. 2022)

Percebe-se distintas relações com a religião ou crenças nas falas dos entrevistados. “L”, por exemplo, afirma crer em Deus e nos santos, santos ligados à igreja católica, porém, diz não ser católica e não quer ser ligada ao catolicismo. Quando questionada sobre a religião evangélica diz: *“Crente não acredita não em santo. Eu acredito nos meus santos e em Deus primeiramente, né?”* (L. Entrevista concedida a Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 01 mar. 2022) e não citou religiões de matriz africana. “Z” se diz católico, mas faz a sua própria religião, não frequenta a igreja; já “J” se reconhece católica e sempre que pode frequenta a igreja. A relação com o catolicismo só está relacionada de forma direta com “J” o que leva a me leva a compreender as estratégias que Nascimento (2015) cita em seu texto. No caso de “L” e “Z” a “relação” com o catolicismo ocorre por meio de orações e culto às imagens, sem uma ligação direta com a religião.

Apesar da não ligação de alguns dos entrevistados com a religião católica, todos afirmam que seus dons são sagrados e enviados por Deus. Trindade (2013) diz que o dom e as práticas de benzeção são um elo que as liga com Deus. Nesse caso, as rezadeiras e rezadores devem exercer essas práticas de forma gratuita. Ao serem questionados sobre o seu dom e a gratuidade das benzeções eles disseram:

“L”

> Eu tenho fé viu, meu dom é a fé. Tenho fé primeiramente em Deus e depois minha reza … Oxe menina, e é dodja eu não cobro não. (L. Entrevista concedida a Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 01 mar. 2022)

“Z”

> é um dom que tem na nossa família … É o dom de Deus, tudo é dom … Agora a pessoa dizer que é pra ganhar ouro, se você estiver doente e eu vê. E quem cura é Deus, não sou eu quem vai curar. É a fé, a fé move montanhas. é pra fazer o bem a pessoa, se a pessoa quiser da ela dá, mas não é pra cobrar nada não, dizer que vai adiantar e ficar rico vai quebrar a cara, muitos ficam ricos. Se eu fosse cobrar aqui eu já tinha um avião se contar do tempo que comecei a rezar. Eu vejo o povo aí hoje é cobrando 2, 3 mil reais e o povo pagando, isso aí é fazer o bem? (Z. Entrevista concedida a Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 03 mar. 2022)

“J”

> É a fé, vem de Deus, menina … Não, eu não cobro nada não (J. Entrevista concedida a Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 03 mar. 2022)

Percebe-se pontos que diferem na forma como que os entrevistados interpretam as suas práticas de cura. “Z” fala com muita empolgação que é a fé, deixando claro que o seu saber é um dom que percorre em sua família; já “L” e “J” têm uma forma diferente de enxergar tais práticas, dizendo que o seu dom é a fé que tem em Deus e a crença em suas rezas.

Com relação à gratuidade de suas práticas, todos afirmam não cobrar, pois não se cobra nada em nome da fé. “J” foi tranquila ao me responder, já “L” não se agradou da pergunta, ao questionar minha sanidade e “Z” recebe muitos presentes em forma de agradecimento, relatando: *“já ganhei muita coisa das pessoas, tenho mais de 10 litros de perfume, tenho sabonete aí de dar de monte, o povo me dando não é mais bonito do que sair cobrando.”* (Z. Entrevista concedida a Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 03 mar. 2022). Melo (2021) Afirma, assim, que esses presentes são “agrados, coisas simples que se dá por bondade”, como uma recompensa pela ação que beneficiou aquele que presenteia.

3.2 Pertencimento, reconhecimento e o não processo de transmissão

O reconhecimento público é de suma importância para a validação da reza, mas só se procura uma rezadeira ou um rezador quando se acredita e confia na reza dele ou dela. Já Melo (2021) diz que a eficácia da reza depende mais da fé do rezador do que da pessoa rezada, porém a pessoa que o procura já o reconhece por suas práticas e já chegam na certeza de uma cura.

Sobre isso, "Z" afirma que *"o povo vem me adorar, gosta de mim. O povo que me procura. Tudo que faço da bem, dá resultado…O povo vem atrás e vem por causa da crença, não é que vou procurar ninguém se fosse assim ninguém nunca sabia disso."* (Z. Entrevista concedida a Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 03 mar. 2022). Como dito por Bourdieu (2013), a procura pelo rezador ou rezadeira está pautada no processo de reconhecimento de crença nos poderes de cura na "qual as pessoas que exercem autoridade são dotadas de prestígio" (BOURDIEU, 2013, p. 114).

Ao serem questionados com que frequência as pessoas os procuravam:

"L" diz

> Às vezes vinha só uma pessoa só. A pessoa que sofria, que estava doendo em qualquer lugar. Cabeça, tontura ou isto e aquilo outro, vinha pra eu rezar, né? Aí né. O moleque dormindo, cochilando, aí agora, eu rezava e melhorava. Mas não era muita gente que vinha não, só era aquela pessoa mesmo que sofria, né? (L. Entrevista concedida a Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 01 mar. 2022)

"Z"

> Tem dias que chega, 10, 12, 20 pessoas, mas também tem dias que não vem ninguém … Às vezes de tanto rezar que embola a fala, em tempo de não falar. Tem vezes que chega 10, 20 pessoas aí de vez. (Z. Entrevista concedida a Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 03 mar. 2022)

"J"

> Graças a Deus, de vez em quando chega um pra rezar. (J. Entrevista concedida a Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 03 mar. 2022)

Como ficou um pouco confuso a quantidade de pessoas que chegam à procura de melhora, na segunda visita pedi para que me informassem quantas pessoas apareceram nesse intervalo de um mês. “L” disse que não foi ninguém, “J” disse que foi apenas uma pessoa, já “Z” disse que foram cinco pessoas. Essas informações me levaram a refletir sobre a procura pelas práticas de benzimento de “L” e “J”. A comunidade os consideram menos acessível que “Z”? A comunidade tem menos confiança em suas práticas? O fato delas serem mulheres influencia na procura? Esses questionamentos serão retomados abaixo, porém sem a pretensão de esgotar e/ou responder a questão nesta pesquisa.

“Z” é uma pessoa bastante conhecida nos povoados e cidades vizinhas.

> Sabem porque dona “M P” um dia ela adoeceu, me chamou pra ir e quando eu cheguei lá a clientela dela estava lá e enramou[19], como ela pediu aí esbanjou, já fui pra Bandinha e outros povoados. Eu rezo, mas não pra dizer eu faço isso faço aquilo. (Z. Entrevista concedida a Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 03 mar. 2022)

Já “J” e “L” só são reconhecidas pelos povoados em que vivem e uma ou outra pessoa de fora. Fica evidente o grau de reconhecimento de cada um possui dentro da sua comunidade e em seu entorno. Um ponto que Bourdieu (2005) discute é a posição social do indivíduo dentro da sociedade de acordo com a legitimidade de suas práticas, onde é necessário levar em consideração o seu trajeto social. Logo o reconhecimento das práticas de benzimento dos rezadores e rezadoras estão ligados a experiência particular de cada seguidor. A partir dos relatos de procura, questiono o que cada um deles sente na hora do ato.

“L” diz

> Me sinto feliz, me sinto muito feliz e agradecida, quando eu sei que aquela pessoa melhorou né. Aí que eu me sinto mais feliz ainda…, já sai mais feliz, alegre né, aí a gente fica mais feliz ainda. (L. Entrevista concedida a Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 01 mar. 2022)

[19] Vem do verbo enramar, cobrir, porém, “Z” cita no sentido de espalhar a notícia.

"Z"

> Rapaz, eu fico feliz em tá ajudando, sabe? mas às vezes na pessoa que tem olhado e quando eu estou rezando, sinto arrepios nas costas, uma moleza. (Z. Entrevista concedida a Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 03 mar. 2022)

Questionei se existia relação com o tipo de reza que ele fazia. A resposta foi que sim, que algumas doenças são mais fortes do que as outras e que acaba passando alguns sintomas para ele na hora do ato. Na sequência, ele me explica que é necessário fazer uma limpeza, mas ele não faz.

> Sim, mas tudo passa. Eu tenho que tomar banho de zicasa[20], mas eu não tomo não, necessita mesmo de limpeza. É rezar e ir tomar banho, vai juntando na idade, papai já não estava aguentando mais. Tem gente que se não tomar banho passa mesmo essas coisas e fica frágil. (Z. Entrevista concedida a Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 03 mar. 2022)

"J"

> Na hora eu só penso em Deus e peço força pra ajudar a pessoa (J. Entrevista concedida a Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 03 mar. 2022)

Ao entender o que eles sentiam na hora do ato, questionei sobre a importância da reza para eles e obtive as seguintes respostas.

"L" diz:

> Muita coisa né, o que eu peço tem vez que minha reza me ajuda, a reza é o pai nosso que Jesus deixou pra nós, né. É o que me ajuda. Se eu rezar uma coisa de maior fé, hoje eu não vejo não, mas amanhã eu vejo, com fé em Deus. Plantar e colher. Já estou de idade, só quero reza e força. Pra Deus, me ajudar que eu viva mais e mais pra frente e continue caminhando. (L. Entrevista concedida a Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 01 mar. 2022)

"Z"

> A importância pra mim, é que eu estou fazendo o bem. Quando você faz algo bom pra pessoa, você não fica feliz? (Afirmei que sim), então, e se você resultado é que você fica animado. Pra mim o cara dizer "rapaz eu sarei" é a melhor coisa, melhor que ganhar mil ou dez mil. Não tem coisa melhor a pessoa chegar e dizer que

[20] "Zicasa" também conhecida como Cica ou Cicas, é da espécie Cycas Revoluta. Planta nativa do Japão.

> foi curado. A importância é essa (Z. Entrevista concedida a Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 03 mar. 2022)

"J"

> Me ajuda a ajudar os outros. (Z. Entrevista concedida a Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 03 mar. 2022)

Todos relatam o mesmo sentimento de alegria em ajudar as pessoas a melhorarem, sendo o mesmo sentimento em relação à importância da reza na vida deles, tendo o bem estar do outro como o mais importante. Apenas "L" usou uma frase diferente, relatando que ao fazer o bem também recebe o bem. A partir do sentimento de pertencimento e de reconhecimento de suas práticas de benzimento dentro das comunidades, pergunto se eles estão ensinando, desejam ou irão ensinar as suas práticas a alguém.

"L" diz que

> Não, eu nunca, ensinei não … Rapaz sei não, eu acho que eu não sei mais a reza toda, sabe. Que eu já, a cabeça já velha, eu já estou velha já, já não sei mais, sei não … sei lá rapaz, eu tinha desejo de ensinar, um pouco. Pelo menos de olhado né, porque, dessas coisas do olho veio grosso, mas pra mim eu já perdi mais... sei lá, mais nunca eu rezei … porque ninguém veio procurar mais. (L. Entrevista concedida a Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 01 mar. 2022)

"Z"

> Não, eu não ensino não. Eu rezo alto, quem quiser quando tiver mais velho, pode rezar. Mas eu rezo pro povo aprender. São sereno é fácil, a izipa é fácil, tudo é fácil de aprender. A reza do cobero que faço, serve até de uma coisa … Se alguém se interessa e disser "rapaz eu quero", ele vem e se pegar pode pegar, se o cara gostar daquilo ele vem. (Z. Entrevista concedida a Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 03 mar. 2022)

"J"

> Não, já ensinei muito, mas hoje em dia não tenho mais paciência não. Não tem mais filho pequeno e os meu que já saíram ensinei. Se não reza é porque não quere. Mas já ensinei muito. Criou meus filhos pa rezar. (J. Entrevista concedida a Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 03 mar. 2022)

Os/as três entrevistados/as relataram não estarem ensinando o ofício a ninguém, porém, percebo três situações diferentes. “L” diz que tem desejo de ensinar, mas ninguém nunca a procurou e hoje em dia ela crer não estar apta, desistindo em partes de ensinar, pois acredita que já não sabe mais as rezas. No entanto, deixou explícito que se alguém a procurar querendo aprender, ela ensina assim mesmo. Questionada sobre a baixa procura, ela me respondeu: *“Rapaz, acho que eu gostaria viesse? Mas ninguém vem não, ninguém tá crendo mais em reza nem em Deus mais, parece.”* (L. Entrevista concedida a Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 01 mar. 2022). “Z” afirma que não se oferece a ensinar ninguém, reza em voz alta justamente para que as pessoas aprendam, mas se a pessoa quiser aprender e for procurá-lo, ele ensina. “J”, por sua vez, diz que não tem paciência de ensinar, porém ensinou a todos os seus filhos a rezar, e, agora, cabe a eles colocarem em prática ou não. Percebe-se que tentou dar continuidade de suas práticas apenas na família, não buscando ensinar fora do seu contexto familiar.

Após, indaguei se eles se consideravam importantes para a comunidade. Ao analisar a fala de cada entrevistado/a, nota-se a contradição em suas falas, sendo que todos afirmam que aprenderam a rezar sozinhos, mas estão ou estiveram dispostos a ensinar diretamente ou apenas ceder o espaço para observação do ato.

“L” informou:

> Ave Maria, me considero sim. (L. Entrevista concedida a Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 01 mar. 2022)

“Z”

> Rapaz, eu me acho importante, porque se não fosse ninguém vinha me procurar. (Z. Entrevista concedida a Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 03 mar. 2022)

“J”

> Eu me acho importante sim, gosto quando me procuram. (Z. Entrevista concedida a Edislaine Oliveira dos Santos. Fátima, 03 mar. 2022)

Percebe-se que os três se consideram importantes para a comunidade, de forma sentimental e particular. Para a cultura popular, as rezadeiras e rezadores são importantes, pois são detentores dos saberes tradicionais, contribuindo para a preservação de crenças e da memória coletiva.

Retomando a discussão inicial deste capítulo, o reconhecimento das rezadeiras e do rezador dentro da comunidade e no seu entorno. É perceptível que "Z" possui maior visibilidade. Já "J" e "L" são rezadeiras. No âmbito da benzeção, a mulher desenvolve um importante papel para a preservação das tradições. Por muito tempo a mulher foi designada a exercer apenas o papel de esposa submissa, restringida apenas ao trabalho doméstico, porém Trindade (2013) diz que a atuação das benzedeiras mostra um outro caminho de uma sociedade patriarcal, pois exercem o "poder" da cura, em alguns aspectos o marido exerce o papel de assistente. No caso dessa pesquisa, não temos o marido como assistente, mas a figura feminina predomina. Nas palavras de Trindade: "*No campo da benzeção existe um número maior de mulheres que benzem em relação aos homens, o poder da benzedeira é legitimado pela comunidade e isso nos leva a observar o deslocamento de papeis na sociedade patriarcal."* (TRINDADE, 2013, p 105).

Trindade (2013) afirma que a presença da figura feminina no campo de benzeção também incomoda. Isso ocorre porque em várias épocas a figura feminina, fora da religiosidade predominante, era acusada de feitiçaria. Existe uma herança histórica de perseguição à mulher, relacionando o uso de suas práticas com o mal e ao demônio. Trindade (2013) explica que as rezadeiras ainda podem ser confundidas com "feiticeiras" ou "macumbeiras[21]" e por esse motivo fazem questão de deixar explícito que os seus dons vêm de Deus.

Fato que me leva a lembrar de "L" ao afirmar que não quer ser ligada às religiões cristãs, afirmando ser um "dom" vindo de Deus, mas também não citou

[21] Trindade (2013) explica essa comparação ao trazer uma citação sobre a igreja e pessoas com poderes sobrenaturais, bem como a perseguição por parte da igreja, citando a "a caça às bruxas" na Europa. Trindade (2013) afirma que ainda pode ocorrer essa comparação, tanto por parte da igreja quanto pela sociedade não crente, sendo que tais comparações podem causar desconforto para as rezadeiras, trazendo o exemplo de Dona Rosa que se incomoda ao ser chamada de macumbeira.

religiões de matriz africana. Trindade (2013) diz que as rezadeiras ao se prestarem a curar as pessoas doentes criam uma imagem de mulheres bondosas. Ao deixarem os seus afazeres em segundo plano, estão se sacrificando, levando à comunidade a compará-las aos santos que recebem as súplicas de cura. Nogueira, Versonito e Tristão (2012) reforçam, em outra perspectiva, que a vida das rezadeiras é totalmente voltada para a sociedade.

Considerações finais

Ao longo deste artigo busco mostrar a relação das rezadeiras e rezadores dos povoados Farias e Lagoa dos Ferros, com o dom da reza e sua percepção de importância dentro das comunidades a qual pertencem, bem como o seu modo de vida pode influenciar nas suas práticas de benzimento e na preservação delas.

Percebe-se que a religião católica está presente na fala de cada entrevistado, porém não interage de forma direta com as práticas de benzimento. Nota-se nas falas de “Z” e “L” que não querem ser relacionados à religião ao afirmarem que fazem a sua própria religião. Nota-se, ainda, que cada um imprime a sua individualidade nas práticas, tanto na quantidade de doenças que cada um sabe rezar e a forma que as coloca em prática. As particularidades foram analisadas em diálogo com as pesquisas de Oliveira (2014), Santos (2017), Nascimento (2010), Melo (2021) e Jesus (2012), pois as práticas das rezadeiras e rezadores têm uma ligação direta ou trabalham em conjunto com as religiões evangélicas, católica, e ao candomblé.

Trabalhar desde a infância é uma característica bastante presente na vida de todos as rezadeiras e rezadores aqui citados, tornando comum o processo de migração em busca de uma vida melhor. Santos (2018) e Melo (2021) discutem o processo de migração para as cidades e como as práticas sobreviveram em outro ambiente. Destaco a situação de migração de “L”, mesmo não transferindo-se para a cidade, “L”, ainda criança, precisou mudar-se com sua família para outro povoado. O seu pai que era o único rezador da casa, necessitou se adaptar às novas realidades, mas não abandonou o seu ofício. Um processo de

resistência que ambos passaram em busca da melhora na qualidade de vida e de trabalho, mas não abandonando seu “dom” diante das necessidades.

A figura feminina é predominante no âmbito da benzeção. Ao analisar as referências nota-se que todas estão voltadas à mulher, observando o mesmo movimento nessa pesquisa. Trindade (2013) diz que a atuação das benzedeiras aponta um outro caminho de uma sociedade patriarcal, porém o fato delas atuarem predominante no âmbito de benzimento não demonstra que tenham a mesma visibilidade de que os homens. Conforme demonstrado, “L” e “J” mulheres que não possuem o mesmo alcance que “Z”.

Por fim, retomo o objetivo central da pesquisa com algumas indicações dos motivos ou fatores que contribuem para que as práticas de benzedura não estejam se perpetuando dentro dos povoados estudados, já que as rezadeiras e o rezador reconhecem a importância de suas práticas tanto para si quanto para a comunidade. Através da análise das entrevistas, me deparei com diferentes motivos para a não perpetuação, sendo ponto comum entre elas: a falta de interesse da comunidade em aprender as práticas de benzimento.

As rezadeiras e rezadores têm um papel fundamental dentro da concepção atual de patrimônio, atuando na preservação da memória coletiva como portadores dos saberes tradicionais e conhecedores das rezas, cumprindo, assim, um papel social dentro das comunidades a que pertencem. A Museologia Social, nesse sentido, fornece suporte teórico e prático para o reconhecimento, a valorização e a participação das comunidades na preservação de suas tradições, mediante a partilha de suas crenças e práticas.

Referências

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral.** 3. ed. Rio de Janeiro: Fgv, 2005. 120 p. Disponível em: https://www.academia.edu/38910721/Manual_de_Hist%C3%B3ria_Oral_Verena_Alberti. Acesso em: 19 out. 2021.

BATISTA, Edione Rodrigues. **Saberes, crenças e rezas que curam: a relação entre quem reza e quem é curado no município de Icapuí/CE**. 2020. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN Mossoró, 2020. Disponível em:

https://www.uern.br/controledepaginas/ppgcishdisserta%C3%A7%C3%B5es/arquivos/2963edione_rodrigues_batista.pdf. Acesso em: 05 maio 2022.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. 214 p. Disponível em: BOURDIEU-Pierre.-A-economia-dastrocas-simbólicas.pdf (ufsc.br). Acesso em: 10 abr. 2022.

BOURDIEU, Pierre. Capital simbólico e classes sociais. Novos Estudos, [s. l], p. 104- 115, jul. 2013. Tradução: Fernando Pinheiro. Disponível em: https://www.scielo.br/j/nec/a/B4QLbKSYLfXdCtHFWDnVxfM/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 15 nov. 2021. Acesso em: 15 abr. 2022.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.**

CATENACCI, Vivian. Cultura Popular entre a tradição e a transformação. **São Paulo em Perspectiva.** São Paulo, p. 1-8. abr. 2001. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0102-88392001000200005. Acesso em: 02 maio 2022.

CHAGAS, Mario; GOUVEIA, Inês. **Cadernos de Sociomuseologia**: museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação). 41. ed. Chapecó: Unochapecó, 2014. 14 p. Disponível em: https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/168. Acesso em: 28 abr. 2022.

CHAGAS, Mario; PRIMO, Judite; ASSUNÇÃO, Paula; STORINO, Claudia. **Cadernos de Sociomuseologia**: a museologia e a construção de sua dimensão social: olhares e caminhos. 11. ed. Lisboa: Ceied, 2018. 30 p. Disponível em: https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/719. Acesso em: 02 maio 2022.

CONCEIÇÃO, Alaíze dos Santos. **"O santo é quem nos vale, rapaz! Quem quiser acreditar, acredita!": práticas culturais e religiosas no âmbito das benzeções. Governador Mangabeira–Recôncavo Sul da Bahia (1950-1970).** 2011. Dissertação (Programa de pós Graduação em História) – Universidade Federal da Bahia, BA, 2011. Disponível em: http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/19822. Acesso em: 03 maio 2022.

FUNARI, Pedro Paulo A.; PELEGRINI, Sandra C. A.. **O que é patrimônio cultural imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2008. 111 p. Disponível em: https://www.ufjf.br/lapa/files/2008/08/O-que-%c3%a9-patrimonio-imaterial.pdf. Acesso em: 10 jun. 2022.

GONÇALVES, José Reginaldo do Santos. O Patrimônio Como Categoria de Pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. **Memória e Patrimônio Ensaios Contemporâneos: patrimônio, natureza e cultura.** 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2003. Cap. 1. p. 25-33. Disponível em: http://www.reginaabreu.com/site/images/attachments/coletaneas/06-memoriaepatrimonio_ensaios-contemporaneos.pdf. Acesso em: 02 maio 2022.

GOUVEIA, Inês; PEREIRA, Marcelle. A emergência da museologia social. **Políticas Culturais em Revista**, v. 9, n. 2, p. 726-745, 2016.Disponível em: https://ceam2018.files.wordpress.com/2018/07/a-emergc3aancia-damuseologia[1]social-gouveia-inc3aas_-pereira-marcelle.pdf. Acesso em: 06 set. 2022.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** 2. ed. São Paulo: Vértice, 1990. 189 p.

JESUS, Washington Santana de. Rezadeiras/rezadores de preceito de São Francisco do Conde (BA): itinerários de fé e cura nas práticas etnomédicas. 2012. Dissertação (Pós-graduação em Estudos Étnicos e Africanos) - Universidade Federal da Bahia, BA, 2012. Disponível em: http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/24064. Acesso em: 10 maio 2022.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 310 p. Disponível em: http://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historiaii/china-eindia/view. Acesso em: 29 abr. 2022.

MARTINS, José Clerton de Oliveira. Patrimônio Cultural: Sujeito, Memória e Sentido para o Lugar. In: **Cadernos do patrimônio cultural: educação patrimonial**/ Organização Adson Rodrigo S. Pinheiro. – Fortaleza: Iphan, 2015, v. 1. p. 49-60. Disponível em: EduPat_Cadernos_do_patrimonio_educacao_patrimonial_volI(3).pdf (iphan.gov.br). Acesso em: 05 set. 2022

MELO, José Anchieta Bezerra de. **Rezadeiras e rezadores das almas: um estudo sobre a vivência das religiosidades no sertão de Princesa**. 2021. 213 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Universidade Federal de Paraíba, João Pessoa -PB, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/20764. Acesso em: 10 maio 2022.

MOUTINHO, M. C. Sobre o conceito de museologia. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 1, n. 1, 11. Disponível em: SOBRE O CONCEITO DE MUSEOLOGIA SOCIAL | Cadernos de Sociomuseologia (ulusofona.pt) Acesso em: 17 jul. 2022

MOUTINHO, Mário C. **Museus e Sociedade. Reflexões sobre a função social dos museus.** 5. ed. Monte Redondo: Meridies, 1989. 64 p. Disponível em: https://museumonteredondo.files.wordpress.com/2020/05/05-1989museus_sociedade_i.pdf. Acesso em: 06 maio 2022.

NASCIMENTO, Danielle Gomes do. **Tradições Discursivas Orais: mudanças e permanências nas rezas de cura e benzeduras populares da região de Itabaiana.** 2010. 157 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e ensino) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6503. Acesso em: 02 maio 2022.

NASCIMENTO, Manuela Santana. **Os impasses com o catolicismo negro vivido por rezadores em Santo Antônio de Jesus–BA** (1940– 1970). Universitas Humanas, v. 11, n. 2, 2014. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434075126_ARQUIVO_ARTIGOCOMPLETOANPUH2015.pdf. Acesso em: 03 maio 2022.

NOGUEIRA, Léo Carrer; VERSONITO, Suelen Malheiro; TRISTÃO, Bruno das Dores. O dom de benzer: a sobrevivência dos rituais de benzeção nas sociedades urbanas – o caso do Município de Mara Rosa, Goiás, Brasil. **Élisée**, Goiás, v. 1, n. 2, p. 167-181, jul/dez. 2012.

OLIVEIRA, José Erivaldo Simões de. **Rezadeiras de Itabaiana/SE: entre herança cultural, a modernidade e os rituais de cura**. 2014. 92 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia, Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014. Disponível em: https://ri.ufs.br/handle/riufs/3205. Acesso em: 08 maio 2022

PEREIRA, Julio Cesar. O Conceito de Cultura na Constituição Federal de 1988, 4., 2008, Salvador. IV ENECULT. Salvador - BA: **Enecult**, 2009. p. 1-12. Disponível em: http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14112.pdf. Acesso em: 02 maio 2022

PEREIRA, Marcele Regina Nogueira. **Museologia Decolonial: os Pontos de Memória e a insurgência do fazer museal**. 2018. 332 f. Tese (Doutorado) - Curso de Museologia, Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2018. Disponível em: http://www.museologiaportugal.net/files/upload/doutoramentos/tese_marcele_pereira.pdf. Acesso em: 01 maio 2022.

ROCHA, Gilmar. Cultura popular: do folclore ao patrimônio. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, v. 14, n. 1, p. 218-236, 2009.Disponível em: http://www.uel.br/revistas//uel/index.php/mediacoes/article/view/3358. Acesso em: 03 maio 2022.

ROSA, Wanderléia dos Santos. **Rezas, rezadeiras e juventude na comunidade Vão de Almas, Cavalcante - GO**. 2013. 55 f., il. Monografia (Licenciatura em Educação do Campo) —Universidade de Brasília, PlanaltinaDF, 2013. Disponível em: https://bdm.unb.br/handle/10483/7320. Acesso em: 05 maio 2022.

SANT'ANA, Marcia. A Face Imaterial do Patrimônio Cultural: Os Novos Instrumentos de Reconhecimento e Valorização. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. **Memória e Patrimônio Ensaios Contemporâneos: patrimônio, natureza e cultura.** 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2003. Cap. 1. p. 49-58. Disponível em: http://www.reginaabreu.com/site/images/attachments/coletaneas/06-memoriaepatrimonio_ensaios-contemporaneos.pdf. Acesso em: 02 maio 2022.

SANTOS, Francimário Vito dos. **O Ofício das Rezadeiras: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças em**

Cruzeta/RN. 2007. 196 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/12291. Acesso em: 10 maio 2022.

SANTOS, Sergiana Vieira dos. **“Para as ondas do mar sagrado”: uma etnografia dos rituais de rezadeiras e rezadores de Delmiro Gouveia, sertão de Alagoas.** 2018. 109 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Ciências Sociais, Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018. Disponível em: http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/riufal/2548. Acesso em: 09 maio 2022.

SILVA, Araci Farias. O papel das rezadeiras como protagonistas de práticas simbólicas culturais. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 21, p. 31-43, 2021. Acesso em: https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/59553. Acesso em: 08 maio 2022.

SILVA, Claudia Santos da. Rezadeiras: Guardiãs da Memória. In: Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 5., 2009, Salvador. V ENECULT. Salvador - BA: **Enecult**, 2009. p. 1-16. Disponível em: http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19161.pdf. Acesso em: 05 maio 2022.

TEIXEIRA, Kariana Alves. **O patrimônio Imaterial sob a ótica dos museus: novas aproximações, perspectivas e rupturas**. 2014. 170 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Museologia, Programa de Pós-Graduação em Museologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: https://repositorio.usp.br/item/002717650. Acesso em: 26 abr. 2022.

TRINDADE, Deilson do Carmo. **As Rezadeiras de Parintins Práticas, Rezas e Simpatias**. Manaus: Edua, 2013. 196 p.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. **Ritos de Magia e Sobrevivência sociabilidades e práticas mágico-religiosas no Brasil (1890-1940)**. 1997. 202 f. Tese (Doutorado) - Curso de História Social, História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997. Disponível em: Ritos de Magia e Sobrevivência. Sociabilidades e Práticas Mágico-Religiosas no Brasil... (usp.br). Acesso em: 24 abr. 2022.

APÊNDICE I

Roteiro de entrevistas

Bloco I

a) Nome:

b) Idade:

c) Profissão:

d) Cor:

e) Estado Civil:

f) Naturalidade:

Bloco II

a) Filho Único?

b) Qual idade aprendeu a rezar?

c) Com quem aprendeu?

Bloco III

a) Religião?

b) Com que frequência as pessoas te procuram?

c) Para quais males o Senhor reza?

d) Quais tipos de plantas o senhor usa?

e) Existe algum tipo de planta especial para o ato?

f) O senhor faz indicações ou manipula alguma erva?

g) Qual a importância da reza pra tua vida?

h) Se considera alguém importante para o povoado?

i) Está ensinando o ofício para alguém?

j) Sente desejo de ensinar?

Obs: Roteiro semi estruturado, as perguntas não necessariamente seguiram essa ordem e conforme as respostas dos entrevistados outras questões surgiram.

ANEXO I

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTO

Eu_____,CPF_____ _____, RG_____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores Edislaine Oliveira dos Santos, sob orientação da Profª Dra Rose Elke Debiasi do projeto de pesquisa intitulado
“ _____ _____” a realizar as fotos/filmagem que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos/imagens (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.° 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto Nº 3.298/1999, alterado pelo Decreto Nº 5.296/2004).

_____, em _____/ _____/ _____.

_____

Entrevistado

_____